

Subimperialismo de dados: uma hipótese para as Plataformas Regionais latino Americanas¹

Kenzo Soares Seto²

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

Resumo

A inserção da América Latina no capitalismo de plataformas tem sido descrita sobretudo através do colonialismo de dados. Este trabalho investiga os limites desta perspectiva para compreender a expansão continental de plataformas regionais com sede em países latino americanos baseadas na plataformização do trabalho precário. Nesse sentido, retoma a Teoria Marxista da Dependência (TMD) de Ruy Mauro Marini para propor a categoria de Subimperialismo de dados: a constituição no capitalismo dependente de centros regionais de acumulação de dados e capital associado a Big Data, uma posição intermediária entre países hegemônicos e "colônias de dados" na divisão internacional do trabalho digital, extrativismo de dados e dependência tecnológica.

Palavras-chave

Subimperialismo de dados; Colonialismo de dados; Plataformização do trabalho; Teoria da Dependência; Capitalismo de Plataforma.

Introdução

A inserção da América Latina no capitalismo de plataformas tem sido descrita sobretudo através do colonialismo de dados (Ricaurte, 2019; Silveira, 2021), em que os países da região são considerados "colônias de dados" que fornecem dados a partir do consumo de seus usuários nas plataformas do "Norte Global", sem a capacidade de desenvolver capacidade computacional e plataformas próprias. Na Economia Política da Comunicação (EPC), Fuchs (2016) e Bolaño, Barreto, Valente (2022) reafirmam a

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Pesquisa – Economia Política da Informação, Comunicação e Cultura do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado de 4 a 8 de setembro de 2023.

² Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGCOM-UFRJ). Email: kenzosoares.ufri@gmail.com. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

rígida divisão internacional do trabalho digital entre países centrais onde se concentra a análise de dados, e países periféricos, fornecedores de infraestrutura e dados, a partir dos monopólios digitais ocidentais³.

Contudo, países latino americanos desenvolvem plataformas regionais, como Mercado Libre, iFood e Rappi, que em seus nichos superam plataformas globais: o monopólio do iFood expulsou a Uber Eats do Brasil e o Mercado Libre ultrapassa a Amazon e plataformas chinesas na América do Sul (Del Carmen, 2022). Com alcance continental, essas plataformas regionais reproduzem com países vizinhos as relações de extrativismo de dados e dependência tecnológica que o colonialismo de dados considera exclusivas dos países centrais.

Para compreender o papel dessas plataformas latino-americanas, mobilizamos a Teoria Marxista da Dependência (TMD) de Ruy Mauro Marini e propomos a categoria de Subimperialismo de dados: a constituição no capitalismo dependente de centros regionais de acumulação de dados e de capital associado a Big Data por meio de plataformas regionais, uma posição intermediária entre países hegemônicos e "colônias de dados" na hierarquia global do trabalho digital, extrativismo de dados e dependência tecnológica.

A próxima seção apresenta a teoria de Marini.

Superexploração e subimperialismo

Goetz (1986) destaca o paralelo entre a divisão internacional da produção de dados e a de commodities, crucial no desenvolvimento do pensamento econômico sul-americano. Para os pensadores da Comissão Econômica das Nações Unidas para a América do Sul e o Caribe (CEPAL), a desigualdade entre países centrais e periféricos decorria da produção e troca de commodities do Sul e produtos manufaturados do Norte. Logo, a superação do subdesenvolvimento dependia da industrialização induzida pelo Estado via substituição de importações, condição para que a acumulação de capital e o progresso técnico endógenos elevassem o padrão de vida das massas.

³ Fuchs (2016) destaca apenas a notável exceção da China a essa rígida divisão entre países centrais do capitalismo e periféricos na economia digital.

Crítica aos cepalinos, a Teoria Marxista da Dependência (TMD) de Marini (1965), baseada na teoria do valor marxiana e na teoria leninista do imperialismo, interpreta as relações entre países centrais e periféricos não apenas como um déficit de desenvolvimento industrial. Subdesenvolvimento e desenvolvimento não são etapas históricas, mas constituintes de uma unidade dialética permanente da acumulação global do capital.

Para Marini (1965), a produção dos países periféricos é organizada sobretudo para assegurar a reprodução dos capitais dos países centrais, com a transferência permanente de valor dos países dependentes aos centrais através de déficits comerciais, pagamento de juros, remessas de lucros e royalties sobre propriedade intelectual.

A compensação para o valor transferido de modo a permitir a acumulação local ocorre pela superexploração da força de trabalho, característica fundamental das economias dependentes: a ampliação da taxa de mais-valia com a redução dos salários abaixo do valor da força de trabalho.

No contexto da industrialização tardia de países como Brasil, Argentina e México, a superexploração é necessária devido à necessidade de extrair superlucros suficientes para satisfazer as expectativas de receita dos capitais internacionais, necessários para financiar a industrialização, e a parte correspondente aos seus associados locais. A industrialização sul-americana portanto não rompe com a dependência, permanecendo ligada à superexploração do trabalho: predominância do trabalho precário por meio da extensão e intensificação da jornada de trabalho, assim como baixos salários garantidos pela constituição de um exército industrial de reserva ainda maior que nos países centrais (Marini, 1965, 1977).

Contudo, a elevação da composição orgânica do capital via industrialização dependente esbarra nas limitações dos mercados domésticos devido ao baixo poder de compra dos trabalhadores superexplorados. Incapazes de competir nos mercados de manufaturados dos países desenvolvidos e limitadas em seus mercados internos, as economias industrializadas dependentes voltam-se para o mercado regional sul-americano, buscando reproduzir com seus vizinhos mais vulneráveis o mecanismo de transferência de valor que o imperialismo as impôs.

O sub-imperialismo é a compensação dessa transferência de valor por meio não só da superexploração endógena mas da sua organização por potências regionais em

economias vizinhas ainda mais subdesenvolvidas e periféricas, consolidando um mercado continental e capital para o investimento tecnológico do parque produtivo nacional (Marini, 1977).

Ao contrário dos imperialismos ascendentes, os projetos subimperialistas não questionam a hegemonia dos países centrais, mas realizam uma "cooperação antagônica" com estes: complementaridade em seu mercado continental com alguma competição em nichos específicos e mais autonomia geopolítica do que a maioria dos países periféricos (Marini, 1977).

Nem toda industrialização dependente alcança um papel subimperialista: a competição leva a uma potência hegemônica no sistema de poder regional. Nos anos 1970, o Brasil venceu a disputa sul-americana, reorganizando em prol da acumulação de seus capitais uma nova divisão do trabalho dos vizinhos (Marini, 1977).

Proposto inicialmente para analisar a industrialização tardia latino americana, o subimperialismo tem sido retomado contemporaneamente para descrever a acumulação de capitais brasileiros nas trocas com países latino americanos a partir dos governos petistas (Temístocles, 2016). Entretanto, a percepção de como o subimperialismo brasileiro se entrelaça com o capitalismo de plataforma permanece uma lacuna relevante na literatura.

Plataformas regionais sul americanas

Plataformas são infraestruturas digitais fundamentadas na mediação algorítmica das interações entre diversos atores sociais, como usuários e empresas, através da extração e processamento de Big Data, gerando efeitos preditivos e de rede que geralmente fortalecem monopólios digitais (Seto, 2021).

A plataformização da sociedade (Van Dijk; Poell; De Waal, 2018) atualiza o capitalismo a ponto de Srnicek (2017) propor que estamos em um novo período, o Capitalismo de Plataforma: a enorme concentração de capital, mercado e centralidade social por plataformas digitais corporativas.

Embora grande parte da literatura tenha se concentrado na discussão da influência global de grandes plataformas norte-americanas como Google, Apple,

Facebook, Amazon e Microsoft, conhecido pelo acrônimo GAFAM (Seto, 2021), Steinberg and Li (2017) destacam o emergente estudo de plataformas regionais, plataformas criadas e que operam dentro de uma região geográfica específica, como um país ou um grupo de países.

Contudo, o estudo de plataformas regionais tem se concentrado na Ásia, onde diversas nações possuem ecossistemas de plataformas nativas, conhecidos como Super Apps que disputam ou mesmo superam a supremacia ocidental em seus mercados internos (Steinberg e Punathambekar, 2022).

Ao contrário da Ásia, as Plataformas do Norte Global ainda prevalecem em seus mercados-chave na América Latina, onde as plataformas regionais locais se concentram em nichos específicos (Seto, 2021), com foco na plataformização do trabalho, área que detém o maior número de plataformas latino-americanas, tanto em termos de valor de mercado como de usuários (Statista, 2022).

A intensificação da precariedade do trabalho por meio da sua plataformização tem sido considerada intrínseca ao capitalismo de plataforma, fenômeno descrito como "gig economy", conceito que Grohmann e Araújo (2021) criticam por presumir a precariedade como historicamente nova, enquanto que ela sempre existiu nos países periféricos.

A vocação da América Latina para plataformas nativas de trabalho digital em mercados como o delivery, onde são mais eficientes que os ocidentais (Bloisi, 2022), se baseia na intensa precarização histórica do trabalho no continente em comparação com os países centrais (Grohmann e Araújo, 2022). iFood, Rappi, 99, Loggi e GetNinjas são as principais empresas fundadas em países sulamericanos que oferecem as piores condições de trabalho de plataforma do planeta (Fairwork, 2022), com destaque para o Brasil que só não é pior que Bangladesh (Grohmann, 2022).

Mas Grohmann e Araújo (2021) não investigam a origem estrutural do trabalho precário e é necessário recuperar a TMD para uma análise historicamente contextualizada da plataformização do trabalho latino-americano: a precariedade plataformizada corresponde a atualização dos mecanismos da superexploração nas economias dependentes.

O aumento do trabalho morto decorrente da automação digital reforça no capitalismo dependente não o desaparecimento do trabalho vivo precário, físico e

exaustivo, mas a pressão pela superexploração como forma de compensar a tendência à redução de extração de mais valia.

Portanto, a otimização algorítmica da superexploração por meio da gestão plataformizada do trabalho precário é o principal modelo de negócios por trás de algumas das principais plataformas latino americanas: o iFood brasileiro e o Rappi colombiano, que disputam o mercado de delivery em nove países da região, com 70 milhões de usuários no total (Sambrana, 2022). E os líderes dessas plataformas sabem que a disputa só se resolve em nível continental, como afirma o CEO do iFood:

Minha referência mais proeminente é Tencent e Alibaba; na América do Sul, o Mercado Libre... eles são mais vitais para nós do que a referência do Facebook, que era global...ele [Mercado Libre] não foi para o resto do mundo; concentrou-se no Brasil; México e Argentina. A palavra-chave não é expansão global; é um ecossistema forte (Bloisi, 2022, 1).

Segundo Marini (1977), a expansão regional que marca projetos subimperialistas é fruto dos limitados mercados domésticos pelo baixo poder de compra dos trabalhadores superexplorados, e da incapacidade da disputa dos mercados dos países centrais de produtos industrializados.

Hoje, no Brasil, maior mercado digital do continente, apenas 33% das pessoas ganham mais de US\$500 por mês (Albuquerque, 2022), mas essa minoria compõe 92% dos consumidores de plataformas de delivery (Delivery Much, 2020). Portanto, a aquisição da PedidosJá uruguaia entre outras dezenas de plataformas locais pelo iFood visa formar um ecossistema digital proprietário para o mercado continental inspirado nas Big Techs chinesas (Bloisi, 2022).

Como no subimperialismo da industrialização tardia, a disputa pelas áreas de influência entre monopólios digitais de trabalho plataformizado é associada ao capital financeiro local e ao capital dos países centrais. No iFood, o aporte de US\$ 2 bilhões do banco brasileiro Itaú é combinado com US\$ 500 milhões do japonês SoftBank Fund e uma participação de 50% do conglomerado sul-africano Naspers (Hermes, 2022).

E a superexploração do trabalho em escala continental é combinada pelas plataformas com a espoliação de dados dos usuários e da inteligência datificada dos seus trabalhadores (Seto, 2020), como na sua correção constante das rotas e instruções

dos algoritmos, que contribui para a otimização contínua dos sistemas, em um processo de acumulação primitiva do conhecimento (Bolaño, 2000) contemporâneo.

Essa espoliação de conhecimento datafocado contribui para o acúmulo combinado de valor e dados nos países sedes do subimperialismo de dados, com São Paulo, sede das principais plataformas do continente, sendo uma dos 25 principais centros globais de fluxos de dados (McKinsey, 2019).

Além disso, as plataformas regionais da América Latina estão concentradas no Brasil, com São Paulo sendo um dos maiores centros para plataformas no sul, fora da Ásia (Neto et al., 2022). Sem contestar a hegemonia global das plataformas norte-americanas, as plataformas brasileiras expandem-se para o mercado continental (Bloisi, 2022), organizando superexploração em países vizinhos, uma característica definidora do subimperialismo (Marini, 1977), como no exemplo do iFood.

Conclusão

Este artigo busca resgatar a crítica latino-americana da economia política para contextualizar historicamente o Big Data, o extrativismo de dados e a dataficação do trabalho na América Latina. Nos limites de um comentário baseado em uma discussão teórica, este trabalho procura atualizar a teoria do subimperialismo a partir da perspectiva do capitalismo de plataforma, por meio do conceito de Subimperialismo de Dados.

A apresentação da hipótese do Subimperialismo de Dados busca um novo enfoque nas relações datafocadas entre centro e periferia globais. Permite combinar em um quadro teórico inicial superexploração e trabalho de plataforma; expansão continental e espoliação do conhecimento; entre outras condições do sub-imperialismo de dados.

De modo a compreender as especificidades da plataformização de sociedades no capitalismo dependente, esse artigo se limitou a analisar a América Latina, com foco em uma região onde o Brasil historicamente (Marini, 1977) e contemporaneamente (Temístocles, 2016) age como uma potência subimperialista.

Em comparação com o subimperialismo histórico, a inovação reside na sua expansão de uma estratégia de acumulação baseada na industrialização para os

mercados digitais. A dataficação latino-americana possibilita a atualização da superexploração por meio de plataformas de trabalho digital que produzem valor e dados, articulando uma nova dimensão de ação subimperialista: a extração de dados das nações vizinhas.

Nesse sentido, o Subimperialismo de Dados se opõe ao Colonialismo de Dados ao revelar que a divisão internacional da acumulação de dados é mais complexa do que uma divisão essencializada entre o Norte e o Sul globais, que trata diversos países do sul, como Brasil e Haiti, sob a única categoria de colônias digitais.

A plataformização do trabalho como forma de otimização algorítmica da superexploração não necessariamente é o único vetor de emergência de plataformas locais ou de acumulação regional de dados e capital associado ao Big Data que marca o sub-imperialismo de dados: a dataficação da produção de commodities associada a expansão no continente de empresas brasileiras como a Petrobrás e a Vale também pode ser outro vetor, não abordado nos limites deste trabalho.

Futuros estudos poderão analisar o fluxo transfronteiriço de dados; a disputa dos mercados nacionais entre as plataformas; a relação do investimento regional em I.A e plataformização do trabalho, e estudos de caso de plataformas específicas em busca de evidências da validade ou não da categoria proposta. Além da relação do ciclo de governos neodesenvolvimentistas com o sub-imperialismo de dados.

A abordagem na América do Sul não limita sua relevância global: outros países dos BRIC's podem ser centros de subimperialismos de dados ainda mais avançados. E as plataformas do Norte Global podem aprender com as inovações do subimperialismo de dados.

Frente a hostilidade das plataformas norte-americanas à sindicalização, o iFood, por exemplo, organiza seus fóruns de trabalhadores e atua na academia e no terceiro setor (Grohmann, 2022), o que pode resultar na emergência de uma nova aristocracia sindical dos precários digitais associada ao transformismo de seus intelectuais orgânicos.

E o subimperialismo de dados complexifica reivindicações de soberania algorítmica como a de Silveira (2021). Se novos governos progressistas latinoamericanos podem atualizar a política de campeãs nacionais para o capitalismo de plataforma, entre um cooperativismo de plataforma com sede no norte e a apologia de

plataformas nacionais subimperialistas, toda aspiração à soberania precisa ser classista, interseccional e plurinacional.

Por fim, plataformas regionais trazem à luz trabalhadores invisíveis na tese das colônias digitais: desenvolvedores e cientistas de dados latinoamericanos que as criam e nelas trabalham. A disputa de seu papel pode ser crucial para a autonomia tecnológica com plataformas públicas e comunitárias e a criação de políticas de redução de danos para os efeitos sociais dos monopólios digitais.

Bibliografia

ALBUQUERQUE, M. **70% dos trabalhadores brasileiros ganham até dois salários mínimos**. Correio Braziliense, 23 de novembro, p.12, 2022.

BLOISI, F. **Os ambiciosos planos de Fabricio Bloisi para o Ifood**. [Entrevista concedida a] SAMBRANA, C. Disponível em: <neofeed.com.br/blog/home/exclusivo-os-ambiciosos-planos-de-fabricio-bloisi-para-o-ifood-e-sua-visao-sobre-a-concorrencia>. Acesso em: 07 janeiro 2022.

BOLAÑO, C. **Indústria cultural, informação e capitalismo**. São Paulo; Hucitec, 2000.

BOLAÑO, C. R. S.; BARRETO, H. M. R.; VALENTE, J. C. L. Para a análise teórico-metodológica das plataformas digitais como estruturas de mediação a partir da Economia Política da Comunicação. **Avatares de la Comunicación y la Cultura**, n. 24, dez. 2022, p. 1-25. ISSN 1853-5925.

DELIVERY MUCH. **Pesquisa delivery online no Brasil em 2020**. Disponível em <<https://blog.deliverymuch.com.br/numeros-do-delivery-online-no-brasil/>>. Acesso em 20. abr 2023.

DEL CARMEN, G. Mercado Livre é o maior e-commerce da América Latina. **Terra**, 20 setembro de 2022, p. 1. Disponível em:<terra.com.br/economia/dinheiro-em-dia/meu-negocio/mercado-livre-e-o-maior-e-commerce-da-america-latina-aponta-pesquisa,ad72a6937b9610b14b4bef982fc2063afqagqu1b.html>. Acesso em: 20 janeiro 2022.

FAIRWORK. **Fairwork Annual Report 2022**. Oxford; Berlin: Fairwork, 2022.

FUCHS. Digital Labor and Imperialism. **Monthly Review**, v.67 n.8, p. 14-24, 2016.

GOETZ, A. M. . Information Capacity and Power in North-South Relations: Transborder Data Flow and the Case of Brazil. *Millennium: Journal of International Studies*, v.15, n.1,p. 48–72, 1986.

GROHMANN, R. Entrevista especial com Rafael Grohmann. [Entrevista concedida a] NATUSCH, I. **Democracia e Mundo do Trabalho em debate**, online, maio de 2022. Disponível em:<<https://www.dmtemdebate.com.br/dentre-os-paises-avaliados-pelo-fairwork-brasil-so-fica-acima-de-bangladesh-entrevista-especial-com-rafael-grohmann/>>. Acesso em 10. mai. 2023.

GROHMANN, R.; ARAÚJO. O chão de fábrica (brasileiro) da inteligência artificial: a produção de dados e o papel da comunicação entre trabalhadores de Appen e Lionbridge. **Palavra Clave**, v.24, n.3, e2438, 2021.

HERMES, F. **Empresa sul-africana paga R\$28,2 bilhões pelo iFood**. Disponível em: <<https://blocktrends.com.br/empresa-sul-africana-paga-r282-bilhoes-pelo-ifood-6-vezes-a-receita>>. Acesso em: 20 janeiro 2022.

MARINI, R. M. Brazilian interdependence and imperialist integration. *Monthly Review*, v. 17, n. 7, p. 14-24, 1965.

MARINI, R. La acumulación capitalista mundial y el subimperialismo. *Cuadernos Políticos*, n. 12, p. 20-39, 1977.

MCKINSEY. **Navigating a World of Disruption**. Report for the World Economic Forum, January 2019. Disponível em: <www.oecdilibrary.org/content/book/9789264229358-en>. Acesso em 20. fev .2023.

NETO, V. J.; CHIARINI, T.; RIBEIRO, L. C. Voyages of Discovery: Charting the new geographies of platform economy. In: Anais do VI Encontro Nacional de Economia Industrial-ENEI, 2022.

RICAURTE, P. Data Epistemologies, The Coloniality of Power, and Resistance. **Television & New Media**, v.20, n.4, p.350 -- 365, 2019.

SAMBRANA, C. Tijana Jankovic, CEO do Rappi no Brasil, não vai dar trégua ao iFood. **Neofeed**, São Paulo, 25 ago. 2023. Disponível em: <<https://neofeed.com.br/blog/home/tijana-jankovic-ceo-do-rappi-no-brasil-nao-vai-dar-tregua-a-o-ifood/>>. Acesso em 20. abr 2023.

SETO, K. S. Acumulação Capitalista por Meios Digitais: Novas Teorias do Valor de Mais-Valia e a expropriação do Intelecto Geral. **EPC On-Line (UFS)**, v. 22, n. 1, p. 143-160, 2020.

SETO, K. S. Regulação de Plataformas Digitais: Uma Revisão Sistemática da Literatura. **Eptic On-Line**, v. 23, n. 3, p. 223-250, 2021.

SILVEIRA, S.A. A hipótese do colonialismo de dados e o neoliberalismo. In: SILVEIRA, S.A. et al. (Eds.). **Colonialismo de dados**. São Paulo: Autonomia Literária, 2021. p.33-52.

SRNICEK, N. **Platform Capitalism**. Cambridge: Polity Press, 2017.

STATISTA SEARCH DEPARTMENT. Leading unicorn companies based on market value in Latin America in 2022. **Statista**. Disponível em: <https://shre.ink/9hi7>. Acesso em: 07 janeiro 2022.

STEINBERG, M.; LI, J. Introduction: Regional Platforms. **Asiascape Digital Asia**, v. 4, n. 3, p. 173-183, 2017.

STEINBERG, M.; PUNATHAMBEKAR, A. Media power in digital Asia: Super apps and megacorps. **Media, Culture & Society**, v. 44, n. 8, p. 1405-1419, 2022.

TEMÍSTOCLES, P. G. Subimperialismo y Capital-imperialismo: reflexiones actuales sobre el capitalismo dependiente en Brasil. **Cuadernos de Economía Crítica**, v. 3, p. 83, 2016.

VAN DIJCK, J.; POELL, T.; DE WAAL M. **The platform society: Public values in a connective world.** Oxford: Oxford Scholarship, 2018.